

DANI SHIROZONO

Viçosa - MG, 1989 - Vive em Jundiá - SP
[@danishirozono](#)

Artista visual e arte-educadora, é formada em Artes Visuais pela UNICAMP (2014), possui uma pesquisa que propõe um olhar sobre a paisagem e o percurso e suas implicações em se entender como parte deles, compreendendo esses elementos como território e espaço de pertencimento.

JEFF BARBATO

São Bernardo do Campo, 1990
- Vive em Sorocaba - SP
[@jeffbarbato](#)

Artista, designer e produtor cultural não-binário. Bacharel em Artes Visuais pela UNESP. Sua pesquisa parte da iconografia da fissura labiopalatina e se desdobra para as fissuras no espaço urbano. Transita por multilinguagens, com olhar para o imperfeito, o incompleto, o impermanente.

LUCAS SOUZA

Guarulhos - SP, 1991 - Vive em Jundiá - SP
[@osouzalucas](#)

Artista Visual e Designer. Bacharel em Artes Visuais pela PUC de Campinas. Concentra sua produção em linguagens multimeios, tendo como ponto de partida a escultura. Investiga as relações do corpo, espaço e ação através de meios interdisciplinares.

MARÍLIA SCARABELLO

Jundiá - SP, 1982 - Vive em Jundiá - SP
[@marilia_scarabello](#)

Artista visual, vive e trabalha entre Jundiá e São Paulo. Mestre em Artes Visuais pela UNICAMP e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Mackenzie. Seu trabalho transita entre múltiplas linguagens, incluindo procedimentos frequentes de apropriação, com uma pesquisa direcionada às questões que envolvem a ideia de território e sua representação física e metafórica.

VISITAÇÃO
segunda a sexta-feira das 09h às 22h
ENTRADA GRATUITA

BIBLIOTECA CAMPUS SOROCABA [B-SO UFSCAR]
Rodovia João Leme dos Santos, SP - 204, Km 110
Bairro do Itinga, Sorocaba - SP

04ago — 05set 2023

acesse as redes
de terra rasgada
[@rasgadaterra](#)



use o leitor de
QRcode do seu
dispositivo

ARTISTAS: Dani Shirozono, Jeff Barbato, Lucas Souza e Marília Scarabello
CURADORIA: Allan Yzumizawa **CONCEPÇÃO EXPOGRÁFICA:** Jeff Barbato
PRODUÇÃO: Brecha Cultural **FOTOGRAFIA:** João Cazzaniga e Ana Helena Lima
IDENTIDADE VISUAL: Frente Criativa **PRODUÇÃO GRÁFICA:** Jeff Barbato
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: Contorno Filmes **INTÉRPRETE DE LIBRAS:** Maurício Gut
AGRADECIMENTOS: André Pereira da Silva, Rute Figueiredo e toda equipe da Biblioteca Campus Sorocaba da UFSCar; Luisa Naves, Totenpix, Rodrigo Camargo Marques, Marina Klafke, Marina Dias, Jota Guerreiro Vilar, Ane Tavares, Felipe Soranz, Julyana Troya, Gilberto Alves, Leonardo Duart Bastos, Laura Nice, Bruno Novaes, Marilene D. Barbato, Milton Barbato e demais pessoas que colaboraram direta ou indiretamente.

OBRAS PRODUZIDAS COM RECURSOS DO PROAC EDITAIS 13/2021

PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



APOIO



terra rasgada

terra rasgada

A exposição **terra rasgada** reúne Dani Shirozono, Jeff Barbato, Lucas Souza e Marília Scarabello, quatro artistas residentes de Jundiá e/ou Sorocaba que apresentam proposições artísticas que discutem o conflito e a violência contidos no processo de urbanização a partir do desenvolvimento econômico nas cidades do interior paulista.

Nas últimas décadas, o crescimento urbano do interior de São Paulo, trouxe consequências como o aumento da especulação imobiliária, danos ambientais e desigualdade social. Para o pensador Milton Santos, é impossível refletir sobre o espaço sem que se pense a técnica e as ações humanas exercidas durante a história. Dessa forma o pensador usa o termo **tecnosfera**, como conceito que define toda a estrutura de objetos técnicos desenvolvidos pela humanidade em um dado espaço e tempo.

O desenvolvimento da tecnosfera ao longo dos anos foi realizado a partir de uma lógica colonial e desenvolvimentista, da qual enxerga a terra como espaço de apropriação. Ao utilizar recursos minerais para a produção de produtos e bens, esse pensamento vertical cria feridas cada vez mais profundas no corpo da terra, rasgos na forma de bens tecnológicos disfarçados em estruturas que favorecem o desenvolvimento econômico de uma região.

Dessa forma, a exposição **terra rasgada**, elucida este território de conflito questionando sobre a forma como lidamos com o espaço e com a sociedade. Convida cada espectador (a/o) a pensar sobre as possíveis curas das feridas e rasgos contidos na terra, pensar em formas de criar redes de conexão para a troca e a produção de um espaço saudável, um território que não seja hostil mas que possa nos servir como abrigo que zele pelo nosso corpo, pela ética e pela nossa existência.

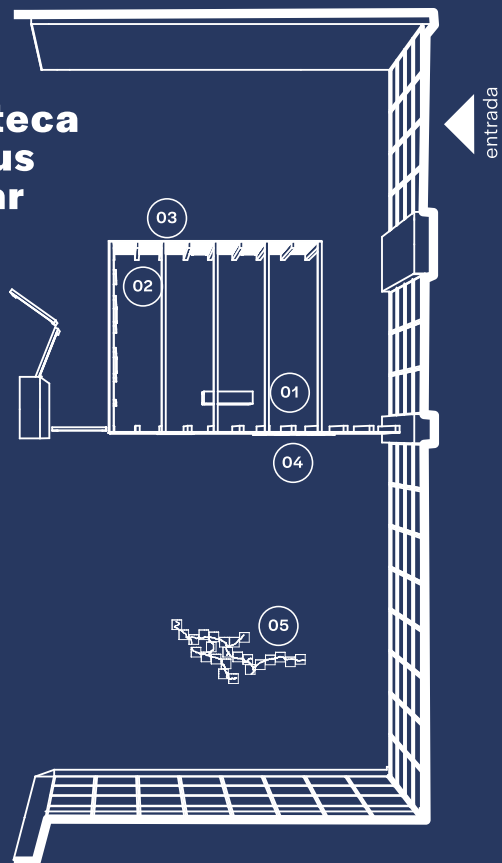


ALLAN YZUMIZAWA

Sorocaba, 1993 - Vive em Sorocaba
- SP @allanyzumi

Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da PPGAV-UNICAMP. Possui interesse nas áreas de Curadoria, Teoria Crítica e Estudos Pós-coloniais.

Biblioteca Campus UFSCar



ARCABOUÇO 25 À 33 01
argila branca sem queima (SÉRIE)
medidas variadas — lucas souza, 2022

MENSURAÇÃO DE OPERAÇÕES INTUITIVAS #02 02
impressão em papel 300g e anotação com máquina de escrever
sobre papel milimetrado
30 x 30 x 0,6 cm (cada) — lucas souza, 2022

ESPAÇOS SEGREGADOS 03
compensado cru, tinta acrílica, linha chilena e alfinetes
ø31cm x 1,5cm (cada) — marília scarabello, 2019-20

DE PASSAGEM 04
nanquim, papel, mdf e parafina
22 x 22 cm (cada) — dani shirozono, 2019-22

ABUNDANTES EM VEIOS DE FERRO 05
políptico composto por 24 fragmentos: concreto,
malha de aço e plastilina
23 x 23 x 2 cm cada fragmento — jeff barbato, 2022

A exposição **terra rasgada** integra o calendário de ações culturais desenvolvidas pela Biblioteca Campus Sorocaba (B-So) da UFSCar. A B-So iniciou suas atividades em prédio próprio em fevereiro de 2009, e está vinculada técnica e administrativamente ao Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi/UFSCar), apoiando o tripé: ensino, pesquisa e extensão, tem por finalidade suprir as necessidades de informação da comunidade acadêmica, assegurando a difusão de informações técnico-científicas e culturais, bem como a guarda e preservação do patrimônio público reunido em seus acervos. O acesso e a consulta aos itens do acervo são livres e abertos ao público em geral, porém o empréstimo domiciliar é restrito à comunidade da UFSCar.

O projeto foi pensado por Dani Shirozono e Jeff Barbato durante o ano de 2021 para ocorrer em Sorocaba, cidade cujo o nome vem do tupi-guarani **terra rasgada**, no mesmo ano foi contemplado no edital 13/2021 de exposições inéditas do Programa de Ação Cultural (ProAC) do Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Em 2022 executado nas dependências do Espaço Marco do Valle em Campinas apresentando uma curadoria com doze obras sendo pelo menos quatro inéditas. Agora em 2023 a convite de André Pereira da Silva apresentamos este recorte da exposição pela primeira vez em terra rasgada (Sorocaba) na B-So da UFSCar.

Dos trabalhos escolhidos para compor essa versão de terra rasgada **DE PASSAGEM** (2019-22) lança um olhar sobre a paisagem criada e modificada pelo ser humano. Este trabalho de Dani Shirozono traz 12 módulos de relevos longínquos cobertos pela fumaça fina da neblina de lugares não vistos ou vividos, mas reconhecíveis. A disposição dos trabalhos cria um jogo visual convidando quem observa a completar as lacunas deixadas propositalmente.

Como uma fissura que rasga o solo brasileiro, a linha férrea é uma crescente de poder e abandono, pensando nisso, Jeff Barbato usa seu trajeto como referência para as fissuras-linhas cavadas no concreto e que conectam um fragmento ao outro em **ABUNDANTES EM VEIOS DE FERRO** (2022). Cada fragmento, quando espalhado pelo chão e unido pela fissura, forma o desenho do trajeto da linha tronco Sorocabana, com referência no mapa ferroviário de 1898 da Companhia União Sorocabana e Ituana; São Paulo Railway Comp.

Corpo, peso e forma são os assuntos que permeiam o processo criativo de Lucas Souza. O artista propõe uma “anatomia inventada”, ou seja, outros entendimentos de corpo, gozando de formas orgânicas que nascem do inconsciente e se transformam a partir da manipulação da argila/corpo: amassada, torcida e rasgada. Nesta edição da exposição o artista apresenta parte da série **ARCABOUÇO** (2019-2022) e **MENSURAÇÃO DE OPERAÇÕES INTUITIVAS** (2022).

Em **ESPAÇOS SEGREGADOS** (2019-20), Marília Scarabello lida com a linha chilena, a versão industrializada da linha de cerol, clandestina e ainda mais perigosa, para traçar fronteiras nem sempre demarcadas oficialmente, mas contantes, que dividem e desenham territórios urbanos pelos quais seu corpo circula ou atravessa. Há algo da categoria do não dito permeando estas bordas, como se a cidade, de alguma maneira, tentasse ignorar estas tensões, invisibilizando-as. A linha chilena traz a informação do que é violento ao mesmo tempo que, no ambiente urbano, é potencialmente invisível.